

15. A obra de Deus

São Gregório Magno, em uma homilia sobre o profeta Ezequiel, diz uma coisa belíssima: “Obra de Deus é reunir consigo as almas por ele criadas e reconduzi-las às alegrias da luz eterna” – *“Opus Dei est animas quas creavit colligere, et ad æternæ lucis gaudia revocare”* (Homilias sobre Ezequiel, Lib. 2, Hom. 4, 20).

A obra de Deus consiste em reunir consigo nossas vidas feitas para Ele, atraindo-as com a beleza alegre da luz eterna, ou seja, com a luz de sua Face. A obra de Deus é, no fundo, a misericórdia de um abraço já aberto para nos acolher no seu coração de Pai. A obra de Deus é como o pai do quadro de van Gogh, que deixa de lado qualquer outra obra para se ocupar só em estender os braços e sorrir a seu filho para que venha até ele. Como o Criador que, depois de seis dias de criação, se detém após a criação do homem e da mulher para se concentrar em seu relacionamento de amor com eles (cf. Gn 1, 26-2, 3). Jesus veio para realizar esta obra, para servir a esta obra do Pai, para encarnar, ou seja, para tornar visível e perceptível no tempo este fascínio de Deus que dá sentido e plenitude à vida de cada homem.

E cada um de nós é chamado a cooperar com Deus nesta obra, por nós mesmos e por todos. Coopera-se com Deus em favor de todos se cooperamos antes de tudo em favor de nós mesmos. Quem se deixa atrair à comunhão com Deus, quem se deixa impelir a unir-se Àquele que nos faz, participa da obra de Deus que atrai a si todas as almas, todos os corações.

Essa obra pessoal e em favor de todos anima a Igreja, é a natureza e a missão da Igreja. Uma comunidade está viva se nela e através dela se coopera com o fascínio de Deus encarnado em Cristo, manifestado na face de Cristo e destinado a todas as almas criadas por Deus.

A missão de cada um na Igreja, a missão da Igreja em cada um, é essa atração de Deus que nos agrega, que nos reúne, que nos chama, para tornar-nos uma só coisa com Ele. Essa atração, que ao nos unir a Deus nos faz participantes da alegria luminosa da sua eternidade, é a beleza de Deus, a beleza do seu amor, da sua infinita misericórdia.

Esta obra, Jesus a encarnou até a morte na Cruz: “E quando eu for levantado da terra, atrairei todos os homens a mim’. Dizia, porém, isto, significando de que morte havia de morrer” (Jo 12, 32-33).

Tornar-nos disponíveis para essa obra de Deus que se realiza na atração de Cristo crucificado, a fim de que todos os homens possam ser reunidos na comunhão com o Pai, no gáudio do Espírito, é o compromisso missionário mais urgente, adequado e responsável que podemos oferecer ao mundo. Os problemas do mundo, as tragédias do mundo, podem encontrar salvação somente se, por meio de nós, Cristo pode vir e nos atrair a si, ao Pai. Somos criados para isso, e todos os homens, todas as almas, mesmo aquelas dos piores inimigos da humanidade – de sua humanidade e da dos outros –, não podem encontrar salvação e realização senão no caminho traçado pelo fascínio de Deus no coração humano. Essa consciência de fé, que Cristo nos anuncia e nos dá, é o que transforma a nossa vida e, com ela, a nossa maneira de viver o tempo.

No salmo 129 lemos: “A minh’alma espera no Senhor mais que o vigia pela aurora. Espere Israel pelo Senhor mais que o vigia pela aurora! Pois no Senhor se encontra toda graça e copiosa redenção” (Sl 129, 6-7).

As sentinelas durante a noite esperam a aurora, esperam a manhã. Ou seja, vivem o tempo à espera de um outro tempo, vivem um momento esperando por um outro momento. Vivem esperando um tempo melhor do que o que estão vivendo. Israel, contudo, é educado a esperar Alguém, a esperar pelo Senhor, e isso muda tudo. O tempo não é mais apenas a espera por outro tempo, o tempo não espera mais apenas por si mesmo: é a espera pelo eterno. Uma espera pelo eterno no tempo. Espera vivida dentro do tempo, mas por Alguém que é eterno, mas por um encontro com o Eterno. O tempo poderia permanecer como é, permanecer cansativo, doloroso e mortal como é, mas ele se torna o espaço de um relacionamento, de um encontro, de uma presença eternos, infinitos. E isso muda tudo, como o testemunham os santos, os mártires e tantas testemunhas ao nosso redor e entre nós.

Essa postura do coração, que do tempo não espera por um outro tempo, mas pela vinda do Senhor, torna-nos livres. A liberdade cristã, a liberdade da fé, é precisamente a reverberação no tempo da espera pelo Eterno. Pois essa espera plena de esperança nos liberta da ditadura que impomos a nós mesmos e aos outros quando nossa felicidade depende somente daquilo que nos escapa, daquilo que passa ou daquilo que passará em um instante, mesmo que consigamos agarrá-lo.

Somente a relação com o Eterno nos permite viver no tempo com liberdade, a liberdade de um desprendimento que nos permite respeitar tudo, deixar tudo ser e, assim, amar tudo sem condicionar nada aos nossos projetos, à nossa pretensão, à nossa sede de posse.

São Martinho de Tours, antes de morrer, dizia: “Senhor, se ainda sou necessário a teu povo, não recuso o trabalho. Que se faça tua vontade” E o seu biógrafo comenta: “Ele [...] não temeria morrer e nem recusaria viver!” (Sulpício Severo, *Vida de São Martinho, Epist. 3, 11.14*).

Essa é a maturidade da liberdade cristã: a liberdade do medo, do medo da morte, mas também do medo da vida, do medo do esforço de viver, de servir, de dar vida. Somente uma postura como essa contradiz a cultura que hoje domina o mundo, a cultura que teme a morte sem amar a vida, a cultura da eutanásia e do aborto, do terrorismo, da guerra, do individualismo, da autorreferencialidade estéril.

Mas, precisamente, é uma questão de liberdade, uma liberdade que a vinda de Cristo torna responsável. Todas as parábolas e todos os discursos de Jesus sobre a vigilância cristã falam de uma responsabilidade, da nossa liberdade provocada pelo fato de que Ele vem, de que Ele está vindo agora, nesta hora, a hora em que estamos vivendo. A esperança em Cristo nos torna livres e responsáveis.